

208-8

B... em Cadeira de Rodas

A: Bem, você já tomou seus remédios. Se quiser as bebidas, estão no lugar de sempre. Como sempre, o gelo está na conzinha, os livros estão bem à mão. Creio que não falta nada. Vou me apresentar. Com licença.

Não se esqueça de tomar o leite à...

B: Chega! Por que você não cala a boca?

A: Eu só estava falando para o seu próprio bem.

B: Eu decido o que é para o meu próprio bem.

A: Está certo; você é quem manda, você é quem sabe. Mas eu vou indo agora.

B: Você não vai a lugar algum!

A: Como?! Está brincando?

B: Pois tanto... veremos o que acontece...

A: Onde estão as chaves?

B: Não sei. Esqueci.

A: A porta e a janela da conzinha também... mas o que é isso? Você está esquecendo?

B: A idêia foi sua.

A: Que idêia?

B: A das cadeiras, correntes, as várias chaves.

A: Sim, para protegê-lo quando eu não estiverem. Mas não para trancar-me aqui dentro!

B: Acontece que eu decidi que apenas as chaves não me protegem o suficiente. Eu preciso de alguém comigo permanentemente!

A: E tenho que ser justo eu? — *— Não, eu quero que você me diga onde está.*

B: Escute aqui: você foi escolhida por minha mãe, para ficar comigo, para me fazer companhia, para me proteger. E você recebe um bom salário para ser meu criado. Criado, entende? E sendo meu criado, você me deve obrigações!

A: Não precisa me dizer isso! Eu sei: aqui há meses já é creio que nunca lhe dei motivos para queixas. Mas hoje eu tenho que sair e eu vou sair!

B: Só se romper as correntes e as cadeaduras; e isso, creio, levarei horas. Se tiver algum encontro marcado, pode ter certeza de que não chegarei ao horário. Portanto, desista!

A: Você deve estar é louco!

B: E você, é um criado muito mal educado! — *— Não, eu quero que você me diga onde está.*

A: Eu não sou o seu criado!

B: Não? E o que é, então? — *— Não, eu quero que você me diga onde está.*

A: Sua mãe, quando me contratou, foi para lhe fazer companhia. Apenas isso!

B: Pois está certo. Eu lhe ordeno que me faça companhia esta noite!

A: Mas eu tenho que sair, você não compreende?

B: A idêia foi sua.

A: Que idêia?

B: A das chaves...

A: Não foi eu minha. Sua mãe é quem decidiu que assim seria melhor. Eu apenas concordei.

B: Minha mãe... ela é maravilhosa, não?...

A: A sua mãe...

B: Vamos mudar de assunto. Você vai sair, ou não?

A: Você, mas precisa das chaves! E espero que você me diga onde elas estão!

B: Nunca!

A: Escute... não temos nem entendido bem. Por que, de repente, inventa um negócio desses?

B: Telefone.

A: Para quem?

B: Alguém que você não vai.

A: Não vou onde?

B: A lugar nenhum!

A: Escute... olhe... se tivera razão aí, você já tomava seus remédios. Se quisesse as bebidas, elas estão lá, no lugar de sempre. Se quisesse gelo...

B: Estão na geladeira! Não se esqueça de tomar o leite... Ah... sim, quando for se deitar, as coberturas já estão dobradas; é só tomar cuidado para não cair da cadeira, não é?

A: Mas sempre foi assim! Por que hoje você...

B: Por que eu sou o seu paião e eu não quero mais que seja assim! Eu o quero, permanentemente, junto de mim!

A: Mas eu não posso! Alô, ninguém pode.

B: Você pode. Pode, deve e vai ficar!

A: Eu vou é embora!

B: Você vai é perder o encontro!

A: Eu não tenho encontro algum!

B: Não? Então, onde é que você tá, hein?

A: Lá, não! Eu vou!

B: Is! Porque hoje, quer você queira, quer não queira, vai ficar!

A: Eu me levarei a ficar hoje, amanhã eu irei embora de sua desta casa!

B: E para onde você irá? Voltaria para a sua casa? Onde conseguiria outro emprego que lhe oferecesse tantas vantagens? Lembra-se de que atravessamos tempos difíceis, meu amigo.

A: Eu posso conseguir outro emprego! Eu não sou nenhum inútil!
Olhe, eu não quis dizer o que você está pensando. Eu sei que...

B: Não precisa se desculpar. E saiba que há muito tempo eu sei da minha situação! Eu não fugi dela!

A: Mas novamente, o quê?

B: A minha inutilidade após o acidente.

A: É precisamente isso que eu não queria dizer! E depois, você não é nenhum inútil e sabe que tem chances de cura. Pode chegar um momento dessa, aí, você se cura, levanta até dessa cadeira...

B: Eu nunca me levantarei desta cadeira!

A: Mas quem sabe, um dia, você consegue. Sua mãe me contou o caso e...

B: Ela mentiu! Para si mesma! Eu nunca me levantarei desta cadeira! Eu é quem sei de mim!

A: Mas...

B: Traga-me o leite. Sempre, como sempre.

A: Escute, eu vou pedir a hora...

B: O leite!...
Está frio. Aqueça-o!

A: Não pode estar frio! Eu já o havia aquecido antes!

B: Mas está! Agora você duvida da minha palavra?

A: Está bom. Eu vou aquecer um pouco mais.

B: Por que você não tira o casaco?

A: Por que está frio e eu vou sair!

B: Você ainda não entendeu, não é?

A: Eu não entendo é você!

B: É a minha mãe, você entenda?

A: Eu já não sei de mais nada! Onde estão as chaves? Por favor, não entia?

B: Nada mais é como antes.

A: Como... antes?

B: Até a leite... está aguada, sem gosto!

A: Você fala como se fosse um velho!...

B: Antes, tudo era diferente. Aquela foi um bom tempo. A minha casa na cidade, cheia cheia de gente: os meus amigos... os amigos de minha mãe... é, aquela foi um tempo bom. Um tempo em que eu tinha em quem confiar. Eu tinha amigos sinceros, verdadeiros!

A: E onde estão esses amigos verdadeiros, agora?

B: Alguns vieram aqui algumas vezes, mas depois... os amigos de minha mãe também... é que aqui é tão distante da cidade e...

A: Então, por que se mudaram para cá?

B: Foi minha mãe quem escolheu esse lugar. Ela sempre gostou da solidão, sempre foi uma mulher muito só.

A: E eu?

B: Você, o que?

A: Não lhe tenho sido um amigo fiel?

B: Mas você é diferente. Você é um criador!

A: Não me chama de criador!

A: Não... Não é assim? Não consigo ir embora, não posso. Vou lá no
B: Mas é o que você já decidiu!

A: Você acha que o dinheiro compra tudo, não é? Pensa que só por
conta dessa sua fortuna, pode fazer o que bem desejar com os outros.
Quer saber de uma coisa? Vamos acertar as contas! Depois dê-me as
chaves que eu vou embora!

B: E você teria coragem de me abandonar aqui, sozinho, sabendo que
eu não posso me locomover, que não há vizinhos para atender aos
meus chamados?... E depois vem dizer que sou meu amigo! Você não
entende que isso depende de você para tudo? Tudo?!
A: Não, não depende de mim.

A: Você só depende do seu dinheiro! Com ele você arruma outro
larado!

B: Acabou que a minha mãe escolheu você!

A: Olha, vamos fazer o seguinte: as horas estão passando e não
conseguimos nos entender ainda. Portanto...

B: Você notou uma coisa?

A: O que?

B: Que hoje, desde que você veio para esta casa, esta é a primeira vez
que conversamos?

A: E você chama a isso, conversar?

B: Claro! É a partir de agora, entre as suas atribuições, eu, como seu
patrão, acrescento mais uma: conversar; falar comigo!

A: Mas falar, conversar, não depende da gente, e sim da nossa
disposição em falar ou não falar...

B: E você nunca está disposto a falar comigo, não é?

A: Eu passo o dia inteiro aqui, e as noites...

B: E não fala comigo!

A: Mas eu falo, ora! A gente não se fala durante o dia?

B: Fala... fala o que? Fala sempre a reticência, o constrangimento. Você só se dirige a mim para dizer nada sobre as coisas que o leite está ali, as bebidas estão do outro lado... que está na hora das refeições...

A: Mas...

B: Traga o vinho.

A: Mas você não bebeu o leite ainda!

B: Deixe-o esfriar. Quero-o frio.

A: Você queria que esfriasse mesmo! Até mandou esfriar-lá!

B: Não discuta! O vinho, por favor...

A: Está bom?

B: Por que você não tira o constrangimento?

A: Aqui está o seu vinho.

B: Vamos fazer o seguinte: vá lá dentro e traga um pouco para você também...

A: Eu não quero tomar vinho agora, obrigado.

B: Vamos, você pensa que eu não sei que toma escondido de mim? Que toma grandes goles do meu vinho, discretamente, é claro. E isso deve ser horrível, não?

A: Horrível, o que?

B: Discreto, mentir, fingir para você mesmo, que você não é você; que não toma o meu vinho, que não bebe o meu leite, que não fuma os meus cigarros...

A: Eu não disfarço em nada! As minhas refeições são à sua vista, e quando eu fumo, é porque você me oferece cigarros!

B: É mentir! Você disfarça, sim; e muito! Em tudo.

A: Tudo, o que? Vamos mudar de assunto.

B: Você antes que nunca diz nada? Que nunca me conta nada?

A: Nunca disse o que você disse!

A: Você é o patriarca e eu a sua empregada! Além do mais, eu não sou de sair por aí contando as minhas aflições!

B: Mas você tem aflições? Quem diria... Sempre tão sério, tão chato de si! Depois, que tipo de aflições você poderia ter?... Financeiras, eu acredito que não; afinal, você tem um bom emprego, ganha um bom salário, tem casa, comida... e não tem ninguém para sustentar. Até aquele diabinho que você costumava mandar, antes, para a sua família, você parou de enviar. Aflições sentimentais, também acredito que não, e existenciais, muito menos, pois elas não são para um tipo de gente especial, entre a qual você não se enquadra de maneira nenhuma!

A: Você quer parar com isso?

B: E você... não acha que lhe dou liberdades demais para um criado, deixando que me trate como se fosse um igual, com um tratamento de cavalaria, sem poder por fazer?

A: Quem manda é o patriarca. Se acha que deve ser assim, eu passo a um novo tratamento. Agora, se a situação é esta, é porque assim foi condicionado por todos nesta casa.

B: E se eu lhe disser que não quero agir como um patriarca, e sim, como um amigo?...

A: Você age como quiser! Eu só quero as chaves, só isso!

B: Não se preocupe! Elas estão muito bem escondidas!

A: E até quando, você pensa conseguir com essa locutura? Até quando, você pensa que conseguirá me retirar aqui?!

B: Não sei. Francamente, eu não sei. Mas, provavelmente, até o momento em que você decidir a não aceitar mais a situação. A gente sempre encontra uma saída.

A: E para sair, terei que romper as correntes, os cadeados, arrancar as portas?

B: Quem sabe? As horas estão passando e o encontro, de qualquer maneira, já foi prejudicado e você é quem sabe se ainda vale a pena sair, ou permanecer. E pelas relâmpagos que podíamos ver hoje à tarde, podemos ter certeza de que vem por aí, uma tempestade. Você é quem sabe e quem decide.

A: Mas eu já me decidi! Você, com sua leucemia é que não me dá condições de levar adiante as minhas decisões!

B: Ahra com as ferramentas. Arrumbe as unidas!

A: Eu dá vontade de fazer isso mesmo!

B: Pois faça, mas depois arque com as consequências!

A: Que consequências?

B: Se me encontrarem aqui, morto, mutilado, com as portas arranhadas...

A: E quem iria matá-lo? Quem viria até aqui?

B: Muita gente vem. Gente que não entra. Gente que não passa da calçada da porta, mas gente que vem aqui!

A: Vem só um ou dois...

B: E você sabe por que ela vêm, não?

A: Não. Não sei!

B: Claro que sabe! Para de diáspora! Você sabe muito bem! E sabe, também, o que me trouxe!

A: Eu não sei de nada. Você sempre manda que eu me afaste quando eles chegam, que o deixe a sós com eles. Peticionalmente, eu nem sei quem são as suas feições!

B: Pensa que eu não conheço a tua curiosidade? Pensa que eu não sei que comento as minhas coisas quando penso que eu estou dormindo? Imagina que eu nunca sei a falta? Olha, meu amigo, não somos cúmplices de coisa! Há muito tempo!

A: Eu não sou cúmplice de ninguém; e não sei de que você está falando!

B: Sabe, sim; e é cúmplice!

A: Você está é louco!

B: Pensa que eu não sei, inclusive, que você já andou falando com eles na rua, pensando estar distante dos meus olhos?

A: Ora...

B: É isso! A nossa situação nos deu algo em comum! Não é muito, mas já é alguma coisa: uma necessidade e uma dependência em comum, se bem que...

A: Escute: de-me as chaves ou retirei embora de vez desta casa!

B: Você irá embora quando eu quiser! Quando eu quiser-lhe para fora!

A: Eu fui contratado para lhe fazer companhia, para lhe auxiliar. Não para ser seu carcereiro!

B: A gente sempre é carcereiro de alguém, ou de alguma coisa. E agora, de uma certa forma, você é, realmente, meu carcereiro!

A: Não sei porque!

B: Não? Eu lhe digo. Onde pensa que conseguiria outro emprego, que lhe trouxesse tantas vantagens? Inclusive, a de usar o que é meu? Truado aqui, à porta, uma vez por mês? E você pensa que eu não sei?... Quando você me retira da cama e se retira para o jardim, entres as árvores, você pensa que eu não sei o que vai fazer lá?... E se eu chamasse a polícia, hein? Deixa que seria eu o implicado? Um inútil, inavaliado, como você mesmo disse? Você pensa que eu não sei?

A: Não. Não sabe!

B: É o mesmo que eu faço quando mando que se retire do quarto e só volte quando eu chamar!

A: Eu não sei o que você faz e...

B: Vá buscar!

A: O que?

B: Você sabe. Traga aqui o vassojo água às claras! Ou você não está a fim, hein?

A: Eu não sei de que você está falando!

B: Você sempre vemem as minhas reuniões! Você sabe onde está? E ainda está empantada, pois entregaram esta semana!

A: Eu não vou!
Se quiser, posso conduzi-la até onde deseja ir, como sempre!

B: Pois eu quero que me conduza até o quarto.
Agora, volte!
Onde você pensa que vai? Continue!

A: Para onde?

B: Ande em círculos!

A: Mas...

B: Em círculos

A: Eu não entendo nenhuma vez. O que pretende?

B: Continue, vamos. Mais rápido!

A: Eu não aguento mais!

B: Você é feio. Muito feio. É uma pena!... Mas continue, vamos. Continue!

A: Eu não sou escravo dos seus caprichos!

B: Acabou, meu caro, que agora, você é escravo, também, dos seus caprichos!

A: Eu já disse que não o entendo! Quando é que você vai falar mais claramente?

B: Você não vai perder nada lá fora. A tempestade está quase se aproximando.

A: Nem sempre calínguas significam, exatamente, tempestade.

B: Mas hoje, sim. Eu sinto no ar a proximidade da chuva e do vento; e se você tivesse sido, agora eu estaria preocupado!

A: Você sabe que quando eu saio, eu não demoro muito. Eu saio e voltaria logo!

B: Mas hoje não, por que não amanhã!

A: Você continua mesmo decidido, não?

B: Claro! Não deu para notar ainda?

A: Pois será pior para você! Amanhã-mesmo, eu me dirigirei às autoridades queixando-me de meus tratos! Eu levi embora o você está processando!

B: E você acha, mesmo, que alguém acreditará em você? Veja bem a situação, meu caro um inútil, inútil, aplicar meus tratos a uma pessoa só, forte e independente como você? E além do mais, seria a sua palavra. A palavra de um criado contra a de um patrão. Creio que a situação se invertaria, e quem seria processado, não seria certamente eu. E agora, conduza-me até a mesa! Quero tomar vinho!

Agora, vá lá dentro e traga uma taça para você também.

A: Eu já disse que não quero tomar vinho agora! Você não pode me obrigar! Além, você não pode me obrigar a nada!

B: As pessoas nunca obrigam nada a ninguém. As situações, as circunstâncias, é que nos obrigam. As chances, os momentos, a hora certa! A obrigação é uma espécie de pacto, entre as chances que se nos apresentam e os nossos instintos.

A: Sim. Só que eu não estou em situação especial nenhuma, para que me seja forçado a fazer alguma coisa que não goste ou não queira fazer!

B: Mas você já vem fazendo o que não gosta há tanto tempo que eu posso...

A: Eu só faço o que eu quero!

B: Não seja tolo! Você queria não, lembre-se? Mas você não sabe. Você não gosta, mas é meu criado. Você...

A: Não me chame de criado!

B: Conduza-me em círculo! Vamos! Em círculo!

A: Está bem!

B: Você não edifica, não?

A: Eu não preciso edificar para sobreviver.

B: É mentira! Você tem que edificar! Pela sua vida! Pela sua família!
Pela futura que você nunca conseguiu alcançar. Você tem que edificar!

A: Eu nunca precisei edificar para sobreviver!

B: Você edifica pela própria sobrevivência! Se não fosse por ela, você
não estaria aqui, hoje. Você nunca teria vindo! Continuaria lá, com
essa maldita família!

A: Eu não tenho família!

B: É mais um motivo para edificar!

A: E você? Odeia por tudo isso, também? E está me atorando a você,
é isso? Pensa que todo mundo é igual a você?

B: É igual, sim! Todos somos iguais! Você, na minha situação, estaria
fazendo o mesmo, se estivesse no meu lugar! Estaria me humilhando,
como eu o estou agora!

A: Pois saiba que eu não me sinto humilhado! Sou pago para lhe fazer
as vontades e estou fazendo. Agora, se eles não estranham,
incomodam, eu não tenho nada a ver com isso! Enquanto eu for seu
empregado...

B: Você, por ser pago, fará todas as minhas vontades?

A: Não sei de que você está falando!

B: Você mesmo acabou de dizer que é pago para fazer as minhas
vontades...

A: E eu tenho feito, não?

B: Sem todas.

A: Eu continue não entendendo você. Quando é que vai falar claro?

B: Conduza-me em círculos novamente.

A: Você quer ficar tonto? Vá lá e tome toda a vida da garrafa!

B: Em círculo! E depois, eu não tenho que lhe dar satisfações!

A: Deixe eu tirar a camisa. Estou suado.

B: Aprenda, e tire também a calça.

A: Não é necessário, obrigado.

B: Eu quero que tire a camisa!

A: E eu já disse que não é necessário!

B: Como se pode saber se uma coisa é necessária ou não?

A: Não é necessário que eu tire a camisa agora. E depois, nunca estive sem camisa na sua presença; e lembre-se de que eu pretendo sair!

B: As coisas estão melhorando bastante. Antes, você ia sair; agora, você pretende. Já é uma boa diferença, não?

A: Olhe, eu vou tirar a camisa, já que você quer. Mas não pense que isso modifique algumas coisas na nossa situação. Eu estou lhe fazendo as vontades porque é a minha obrigação enquanto eu for o seu empregado. Se por isso! Porque a minha vontade, mesmo, é de mandá-lo para a inferno!

B: Aprenda-se!

A: Ahn?

B: Aprenda-se, vamos. Eu não morfo!
Agora tire a minha camisa.

A: Mas não está tão calor assim! E depois, eu tirei a camisa por que estava suado de empurrar a sua cadeira e...

B: Tire a minha camisa!

A: Você vai se resfriar! Você é frágil demais para essas coisas. Fogo um arinho qualquer e...

B: Você não é a minha mãe!!

A: Eu sei que não!

B: Então cala-se a noite de uma vez com essas cuidados! E tire sua camisa!

A: Pronto! O que mais, agora?

B: Dê-me a sua camisa.

A: O que?

B: A sua camisa! Dê-me!

Ajude-me a vesti-la, agora! Assim, isso!

A: Olha, ela está mais... você sabe como é...

B: Eu sempre desejei vestir uma roupa sua. Devo lhe confessar que também quero as suas coisas, quando você não está.

A: Mas eu não compreendo. Por que?

B: Não sei. Talvez, um desejo incustido de vesti-lo por perto quando você não está. E o cheiro da gente me faz bem. Faz com que eu não me sinta tão só. E por admiração a você também.

A: Por admiração?

B: É. Esse seu jeito assim, independente, mais selvagem. Essas suas características de homem de povo. Essas coisas me fazem admirá-lo!

A: Olha, eu não sou diferente de ninguém. Você está à imaginando coisas. Se você não fosse... se você não tivesse esse problema aí, depois do acidente, eu até poderia pensar...

B: Você não poderia pensar em nada! Você não foi feito para pensar! No mundo não há mais lugar para os que pensam! Hoje é um tempo em que, cada vez mais, as pessoas se deixam levar por uma imensa torrente de coisas, de ruído. Como se todos estivessem presos em cadeiras de rodas como a minha. Conduzidos à morte de quem nos conduz!

A: Ora, eu penso! E seria cômodo demais para certas pessoas, se ninguém mais pensasse. Eu penso em muitas coisas!

B: Em que, por exemplo?

A: Por exemplo...

B: Sim? *(olha para ele com um olhar de desafio)*

A: Por exemplo... *(olha para ele com um olhar de desafio)*

B: Sim?... *(olha para ele com um olhar de desafio)*

A: Por exemplo, no ridículo desta situação!

B: Vêta a minha camisa, agora. Mesmo que não lhe sirva bem.

A: Para que? *(olha para ele com um olhar de desafio)*

B: Vamos! Pense que eu não sei que gostaria de poder usar todas as minhas coisas, as minhas roupas? Que venhas e me ensine a ensinar peça por peça, camisa por camisa, terno por terno? Que ao menos um dia, gostaria de ser como eu, esperto, é claro, permanecer numa cadeira de rodar! É claro que você gostaria de ser eu! Falo que eu lhe represento!

A: Eu nunca fiz isso! E não sei por que iria desajustar ser você!

B: Por que eu sou forte! Eu sou a autoridade aqui. Por que eu tenho o poder nas mãos. Eu sou o patrão e você, o empregado, o meu criado. Eu mando e você obedece. E eu tenho dinheiro!

A: Mas não pode andar!

B: Não! Não posso. Mas, mesmo assim, eu posso fazer muitas coisas. Coisas com as quais você não teria coragem sequer de sonhar, pois sabe que não as conseguiria realizar nunca! Além do mais, eu posso fazer com que outras pessoas andem por mim. Você, por exemplo!

A: Andar não é tudo!

B: Vêta a minha camisa! Agora, vá lá dentro e traga um de meus casacos, qualquer um.

Não; vá lá você!

A: Pronto. O que mais, agora?

B: Você já imaginou a situação agora? Se eu morresse repentinamente? Se eu tivesse ingerido veneno justamente com a camisa, e a polícia chegasse aqui, me encontrasse morto, e você vestindo as minhas roupas? O que pensariam?

A: Mas foi você quem me mandou vesti-las!

B: Não que ninguém, além de nós dois, sabe disso!

A: Eu posso tirá-las e pronto!

B: Não! Fique com elas. Quero que aproveite bem esse momento.

A: Por que?

B: Quero lhe dar, finalmente, a oportunidade de sentir-se como se fosse eu própria!

A: E quem lhe disse que eu desejo tal coisa?

B: É claro que você deseja. Você é fraca, pobre, do povo! E pessoas nessas condições, sempre aspiram deixar de sê-lo, mesmo que não admitam. Assim, por alguns momentos, você pode fingir ser eu. Que tem a posse do meu dinheiro, da minha força, da minha autoridade. Digamos que, assim, eu estou exercitando um pouco as minhas primeiras revolucionárias.

A: Se você quer saber, eu não me convergaria de ser pobre, do povo! Deixo até, o povo muito mais normal em suas aspirações. São as preocupações com coisas mais imediatas. Agora, a força, não! Você, por exemplo, precisa estar sempre cercado de cuidados especiais para não esquecer nunca, pois não suportaria sua própria fragora!

B: Estou surpresa com suas considerações intelectuais. Para um criado, até que você está muito bom. Para povo, tem consistência até desastrosa, de situação!

A: O anúncio no jornal disse que os candidatos ao emprego deveriam ter uma certa dose de cultura, serem honestos e pacifistas.

B: Pacifistas...

A: Um dia pode acabar!

B: É? Como?

A: A gente há de encontrar os meios!

B: Tire a minha roupa!

A: Pois não, com toda a prazer! *(Entra o senhor. Ele pega a camisa e entrega para o menino.)*

B: Tira-a de uma vez!

A: Agora, se quiser devolver a minha camisa...

B: Senhor.

A: Como?

B: Senhor. A partir de agora, só me trate por senhor.

A: Acontece que o "senhor" está usando a camisa de um criado...

B: Eu não é que quiser aqui dentro desta casa!

A: Escute aqui, "senhor": quer me devolver a camisa, me dar as chaves e acertar logo as contas para acabarmos de vez com isso?

B: Você não desiste, não?

A: Eu já lhe disse que sou paciente. Acabarei conseguindo. Só não sei, ainda, quais os limites da minha paciência!

B: Outra ameaça?...

A: Escute aqui! Me dê a camisa, me dê as chaves! Yámes!

B: Como se atreve a me tocar? Como se atreve a me agredir?

A: Eu não o agredir! E digamos que a sua queda tenha sido um acidente. Eu só queria a minha camisa e as chaves! E depois, se eu puder tocá-lo ou lhe auxiliar a vestir-se, por que eu não poderia tocá-lo ou lhe tirar a roupa?

B: Pois eu não lhe entrego a camisa! E não quero que me toque!

A: Pois será pior para você. Não me dê a camisa e eu não o ergo do chão! Fiquei aí, jogado!

B: Talvez, como você sempre tenha desejado me ver, não?

A: Chega, está ouvindo? Quer demonstrar que sabe tudo, não? Imagina que seja o dono da verdade. Quer se ver nos outros porque

não exparte a si mesmo! Pois está bem. Faremos o que você quer. Rasteje!

Frontal! Acho que eu me pareço com você, agora? Ah... falta uma coisa ainda! Falta sentar-me na sua cadeira! Como é? Não diz mais nada? Não fala mais sobre isso, então, para? Agora o para é você, que rasteja sem esperança a por minha casa! E se eu quiser, sou eu quem imponho as coisas agora! Posso mata-lo, seqüestrá-lo e ir embora! E levaria tempo demais para que descobrissem seu corpo aqui, nessa solidão, nessa imensidão de vazio que escolheu para morrer, nessa confinamento!

B: Foi minha mãe quem escolheu este lugar!

A: Ora, não me fale mais em sua mãe!

B: Não fale mais você!

A: Não grite comigo!

B: Vamos fazer um trato? Uma espécie de pacto. Você me segue, e eu lhe presto um favor qualquer, algo que você queira.

A: Está querendo fazer chantagem? Olhe bem a situação, meu caro. Agora, quem dá as ordens sou eu. E não adianta me oferecer dinheiro, pois se eu quiser, pago-o toda. Eu, inclusive, aprendi o segredo do café.

B: Então, não há mais nada que você queira, agora?

A: As chaves! Onde elas estão?

B: Não sei. Posso te-las jogar lá fora... pelo esgoto.

A: Deixe disso! Eu posso arrombar a porta e sair! Vamos, onde estão as chaves?

B: Ah! Instrumentos também possuem, sabe?

A: Você está louco? Afinal, o que é que você quer, hein? As ferramentas não estão mais aqui a...

B: E com elas será bem mais difícil sair, não?

A: Mas afinal, o que é que você pretende?

B: Tudo! Talvez, tudo o que esteja ocorrendo! Sente o seu corpo junto ao meu através da sua camisa! Sente o seu cheiro em mim! Sente que a noite passa e que até a tempestade se afastou! Tem a certeza de que eu não fugirei só, porque você continua aqui, e me fazer companhia! Que seja, eu tiro força e poder para não permanecer sozinho!

A: Mas eu teria vontade! Eu sei o que gostaria!

B: Quem pode afirmar isso? Quem pode garantir um retorno após a partida? E se você se fosse, de vez?

A: Mas um dia isso teria que acontecer . E dessa vez eu vou mesmo! E por sua causa!

B: Você não pode ir! Foi minha mãe quem o escolheu para minha companhia! Ela o escolheu!

A: Eu sei disso! Foi escolhido entre vários jovens , como o mais culto, gentil e paciente! E foi a sua mãe quem me escolheu. Mas agora ...

B: Cale-se!

A: É isso mesmo! Agora sou ... não não...

B: Cale-se ou já disse!

A: Sua mãe está morta! Quando é que você vai compreender isso?

B: Minha mãe não morrerá nunca!

A: Está morta, sabia? Morta!

B: Você vai aceitar a proposta?

A: Que proposta?

B: A de eu lhe conceder o que desejar, em troca de você me fazer voltar a casa cadela.

A: E você acha que está em condições de fazer propostas?

B: Então. A nossa situação apenas mudou geograficamente.

A: É?

B: Acabou ou não? É pagar ou largar.

A: Vou pensar. Mas por ora, deixe que eu me divirta um pouco mais.

B: Você gostaria que tudo isso fosse verdade, não?

A: Tudo, o que?

B: Tudo... essa situação, essa roupa... como se fosse verdade, de fato, quem mandava.

A: Mas agora, realmente, eu sou a Ingrid? Tenho a pele nas mãos? Se quiser, deixe-o permanentemente rastejando. Prendê-lo naquela porta fechada e escuro debaixo da casa, até a morte!

B: Você desobedeceu as ordens? Não lhe foi ordenado que nunca chorasse e suspirasse?

A: Você mesmo não reconheceu que eu sou curiosa, que quero ver tudo? Pois conheci também a porta. Sem saída alguma, tendo apenas ratos e insetos como moradores. Tem um poço lá, com água... eu atirei uma pedra e ouvi o ruído.

B: Aquela porta foi fechada há muito tempo. E não era para abrir! O cheiro é muito forte e se embrenha pela casa toda quando se abre.

A: Ora, só foi lá uma vez; e realmente, fedo muito mesmo.

B: Olhe, eu vou lhe devolver a camisa, tome.

A: Acabou ou agora eu não quero!

B: Mas é sua!

A: Não a quero, já disse! E não penso que eu vou mudar de opinião!

B: Você não pode ter opinião! Não tem estrutura para opinar sobre nada! Você desobedeceu tudo!

A: E você é leste!

B: Se eu não, você também é, pois acatou as regras do jogo!

A: Acabou, porque na ocasião, você mandava e eu obedecia. Mas agora é diferente. Agora eu...

B: Nada é diferente! Nada mudou! Você continua sem as chaves, lembra-se? E perdeu o encontro! E continua aqui, e me faz companhia!

A: Ah... o encontro! Deve lhe confessar que você me fez perder um encontro daqueles! Ela é uma loucura!

B: Ela?...

A: Sim. A mulher com quem eu iria me encontrar se não fosse com uma loucura. O corpo dela é quente, que nem febre. Na cama, só falta subir pelas paredes. Isso é uma coisa que você nunca teve, não? Mesmo com a sua propalada força, você nunca teve, não é?

B: O que?

A: Uma mulher! Assim nessa situação...

B: Me alance o leito. Estou com fome.

A: Por favor...

B: Por favor.

A: Senhor!...

B: Por favor, senhor.

A: Lamento que esteja frio, "senhor". Mas se quiser, é só mastegar até a cortinha e aquecê-la.

B: Assim está bom.

Você viu como nada mudou! Por instinto de crião, por condicionamento, você, mesmo nessa situação ridícula, atendeu às minhas ordens como um bom empregado!

A: Eu alancei-lhe o leito, por compaixão!

B: Compaixão?! E eu atendo aqui? Ora, o que é isso?

A: Drugs! Eu já estou enchendo, sabe? Acho bom ir dizendo onde estão as chaves ou começo a revistar toda essa aqui à sua procura! E eu não estou mais respondendo por mim!

B: Mas você ainda não terminou com a representação! Ainda não tomou o meu vinho, não bebem o meu leite, não fazem os meus

rigorosa. Ah... e ainda não usam todas as minhas coisas, as minhas roupas! E eu sei, muito bem, o tempo que você aguenta sem essas coisas! E não se temê, a menos que me agrade!

A: Afinal, o que é que você deseja, heia? O que?

B: Calma! Não fique nervoso. Afinal, como você mesmo disse, agora você é a força, lembre-se?

A: Você tem razão! Essa situação é ridícula!
Pronto! Vá lá para a sua cadeira! Chega!

B: Como vê, você ainda não estava preparado para sentar-se nesta cadeira.

A: Quando eu quiser, terno a derrubar-te daí!

B: Não adiantaria! O poder sobre as pessoas é inerente. Ele pode mesmo, sem estar presente, mas a sua força, o seu envolvimento, passam a fazer parte das pessoas mais fortes que estão à sua frente. E além do mais, as coisas vêm condicionadas há tanto tempo, que não será tão logo que as coisas vão mudar. Mesmo que não pareça, em qualquer circunstância, sempre haverá os mais fortes e os mais fracos. Os que mandam e os que obedecem!

A: Tudo pode mudar um dia!

B: Como? Quando?

A: Eu não o derrubei da cadeira?

B: Você, de puro, não muito educado. Muito religioso, até. Muito chegado a misticismos e crenças. Muito condicionado em seus sentimentos de bondade e respeito pelo ser humano. Não vê? Você mesmo me recolocou na cadeira.

A: Vamos mudar de assunto! Eu já estou cheio desse papo!

B: Você quer?

A: O que?

B: O parafuso.

A: Onde está?

B: Conduza-me até o quarto e eu lhe mostrarei.

A: Como posso ter certeza?

B: Como se pode ter certeza de algumas coisas nos dias que correm?

A: Depois você me dá as chaves? Acorda as contas contigo? Olhe, eu arranja outro passo para vir para cá.

B: Você ia embora, não é? Vamos, fale claro! Você ia embora para não voltar mais, não é? Você não suportava mais tudo isso aqui e minha presença, a minha necessidade de você, não é? Vamos, fale!

A: Eu estou procurando outro lugar, outro emprego.

B: E ia me abandonar! Atrevido sobre uma cadeira de rodas! Sem conseguir, ao menos, ir um pé ao lado!

A: Não dramatize tanto! Você tem o telefone. Basta chamar outra pessoa e pronto!

B: Sim! O telefone! Conduza-me até ele, vamos! Região de animação de jornal... Ah...

Ah... telefonista? Eu queria fazer um anúncio... se possível, para a edição de amanhã. É... solicitando um jovem... um rapaz, que seja culto, gentil e pacientemente. É para fazer companhia a uma pessoa doente. Sim... parálitico. A senhorita providencia? Ótimo! Por favor, envie a cobrança para o endereço do número 225-6643... 43. Obrigado, senhorita e tenha uma boa noite.

A: Muito bem, agora que já me despediu e até tentou de conseguir outro passo, vamos acortar as contas. E depois me dá as chaves por que eu vou embora!

B: Quando você sair, irá direto para a companhia dela, não?

A: Quem?

B: Dela... essa mulher, sua amante!

A: É possível. Ao menos por um tempo ficarei com ela. Até arranjar outro emprego.

B: E a situação continuará a mesma, não?

A: Como assim?

B: Você... estará sempre sendo explorado, e ao mesmo tempo, explorando alguém. Sempre haverá de colaborar às custas de alguém. Sempre haverá de ter as faturas de alguém, sua casa, tudo! Como aqui!

A: Ora, eu não tive nada disso aqui!

B: É porque você não compreendeu nada do que se passou aqui dentro! Hoje você me teve completamente! Eu tive o seu corpo junto ao meu, através da sua vontade! Eu tive o seu chalo em mim! Eu fui você e permiti que você fosse eu! Eu fui você e tempo todo: irracional, humilde, covil! Eu o maltratei, com o mesmo desejo de desprezo que você me tem, mas eu queria isso! Queris, para que isso lhe trouxesse alguma coisa a mais, e que eu não ficasse só e que você não partisse!

A: Mas o que é isso? Você ficou louco? Me saia!

B: Você não sabe o que é a solidão! Você não sabe até que ponto, ser só é desamparado! Você pode andar, correr, pode amar uma mulher! Pode estar entre uma multidão apertada, sem que as pessoas lhe provoquem pânico ou medo! É por isso, que você não entende nada do que se passou aqui dentro! Por que você nunca parou para pensar, para analisar o que seja a solidão! E não imagine coisas demais e me respeito. Você, realmente, não entenderia nada!

A: Ora, eu também sou só e nem por isso...

B: Nós somos diferentes! As pessoas nunca são iguais! A minha vida me transmitiu insegurança para todo o lado! É como um veneno, que atua lento e dolorosamente! E você, esse tempo todo, você apenas me dizia: o leite está quente... está na hora das remédios... com licença, quer que eu sirva o jantar agora?

A: Mas, afinal, o que é que você queria que eu dissesse?

B: Eu queria que você nunca pedisse as chaves!

A: Mas eu quero sair, você entende? Eu quero sair!

B: Está bem!... Mas antes, eu gostaria de lhe pedir mais uma coisa. Note bem, eu só lhe peço.

A: O que é?

B: Vá lá dentro, traga o vinho e tome consigo.

A: Depois você me entrega as chaves?

B: Entrego. Entrego as chaves e tudo mais que você quiser!

A: Pronto! Creio que agora está tudo bem, não é?

B: Sim... agora está tudo bem. Mas, tome mais vinho. Afinal, essa é a primeira vez que você faz alguma coisa de clara nesta casa e na minha presença.

A: Você é quem manda.

B: Você se lembra da minha mãe? De como ela morreu? Vomitando, sentindo dores horríveis. Ela sofreu, mas foi rápido e sem "suicídio"... não demorou muito. Pois eu tenho que lhe dizer, que o mesmo veneno que ela usou para se matar, você acaba de tomar misturado ao vinho. O único trabalho que terá é o de limpar a sujeira que...

NOVO EMPREGADO: Bom dia, senhor! É aqui que estão precisando de um rapaz para fazer companhia a uma pessoa doente? Eu vim pelo anúncio do jornal.

B: Claro! Entre, meu rapaz! Fique à vontade! E não se preocupe com essas correntes e cadeados. São idênticas da minha mãe. Sabe como é... pois que eu me sinto mais segura... mais protegido...